Professor Me. Rafael de Paula

HOMILÉTICA

UNIDADE IV

Objetivos de Aprendizagem

- Definir Homilética e esclarecer sua função para o exercício do ministério pastoral e sua essência para a Missão da Igreja.
- Abordar as principais qualificações e exigências no campo da Homilética para o exercício do ministério pastoral.
- Analisar o trajeto entre o texto bíblico e a entrega do sermão no exercício do ministério pastoral de proclamação.
- Analisar o preparo e as exigências da pregação e dos pregadores.
- Descrever a importância da pregação bem fundamentada na Bíblia e bem aplicada à realidade das pessoas.

Plano de Estudo

A seguir, apresentam-se os tópicos que você estudará nesta unidade:

- Definição da disciplina de Homilética
- Comunicação e expressão
- Do texto à exposição
- A vocação do pregador
- Fundamentos para uma Homilética relevante e contextualizada

UniCesumar

INTRODUÇÃO

Nesta unidade, estudaremos uma das atividades mais importantes e significativas no ministério pastoral: a pregação. Isto porque a qualidade da pregação está diretamente relacionada à saúde do rebanho que Deus confiou ao pastor. Martin Lloyd-Jones, um dos mais influentes autores cristãos do século XX e pastor britânico, afirmou que "[...] a pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja, que tudo mais é subsidiário a isso, o que pode ser apresentado como a consequência ou concretização da mesma na prática diária" (LLOYD-JONES, 1984, p. 19).

A pregação não apenas está intimamente ligada ao cumprimento da Grande Comissão, como também se constitui, provavelmente, na principal ferramenta de condução da Igreja a cumprir com seus propósitos neste mundo. Na História dos Avivamentos, desde Atos dos Apóstolos, a pregação ocupa uma posição central. Como explica John A. Broadus (2009, p. 6), "[...] a qualidade da pregação e o espírito de vida da igreja avançaram ou declinaram juntos [...]. A verdade é que em todas as Eras nunca houve momento religioso, restauração da verdade bíblica ou reanimação da genuína piedade sem um novo poder na pregação".

A força e o poder espiritual da Igreja local dependem da verdadeira pregação bíblica (MAcARTHUR, 1998, p. 291). A pregação não é um mero exercício de oratória, mas "[...] um elemento essencial no crescimento espiritual do corpo de Cristo" (MAcARTHUR, 1998, p. 287). Pregar a Palavra é um grande privilégio e uma maravilhosa responsabilidade (MAcARTHUR, 1998, p. 291).

John MacArthur Jr (1998) afirma, acertadamente, que a pregação é "[...] o meio prescrito por Deus para salvar, santificar e fortalecer sua Igreja [...] A pregação fiel da Palavra é o elemento mais importante do ministério pastoral" (MAcARTHUR, 1998, p. 279).

Para todo ministro do Evangelho, pois, em qualquer contexto, a Pregação da Palavra deve ser assunto do mais alto interesse.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

DEFINIÇÃO DA DISCIPLINA DE HOMILÉTICA

A elaboração de sermões é, ao mesmo tempo, uma ciência e uma arte. Isto porque tem um aspecto de emprego de técnicas, mas também se trata do desenvolvimento de uma habilidade pessoal, particular, de se empregar tais técnicas. Damos o nome de Homilética ao campo de estudos relacionados ao preparo e à entrega de sermões. Como define John A. Broadus (2009, p. 13), "[...] a homilética pode ser definida como a ciência da preparação e a entrega de um discurso baseado nas Escrituras".

É o estudo da Homilética que auxilia o ministro a cumprir adequadamente a função e o propósito da Pregação da Palavra. A Homilética contribui para que os sermões sejam a) biblicamente corretos; b) enfatizem a verdade com uma aplicação pertinente; e c) sejam apresentados de maneira clara e compreensível (CARLSON, 2005, p. 594).

John Broadus (2009) localiza o berço da Homilética na arte da oratória dos Antigos Gregos. O autor menciona as contribuições de Demóstenes, chamado de pai da oratória, e também as contribuições do famoso tratado de Aristóteles sobre a retórica. Para o autor, a exposição das Escrituras, por meio da retórica, é uma herança do Judaísmo. A exposição das Escrituras em forma de pregação era "[...] uma prática usada no judaísmo nas sinagogas, pelos rabinos e inclusive por Jesus" (BROADUS, 2009, p. 4-5). Também os romanos herdaram a arte da retórica da cultura grega, tendo em Cícero e Quintiliano seus expoentes. A arte da retórica tinha sua importância reconhecida no mundo greco-romano em que o Cristianismo nasceu e se desenvolveu (BROADUS, 2009, p. 12). Além disso, o autor atribui o desenvolvimento da Homilética no Cristianismo nascente a dois fatores principais: a) a influência da retórica na arte da pregação do Evangelho; e b) a conversão de pessoas já treinadas na retórica (BROADUS, 2009, p. 12). Apesar disso, o autor explica que:

> A pregação cristã começou em um contexto judaico. Seus primeiros pregadores e seu público, seu pano de fundo e suas afinidades espirituais eram judaicos. Era natural, portanto, que a maneira de pregar seguisse o padrão do profeta do Antigo Testamento e do rabino mestre. [...] Consequentemente, as pregações primitivas eram feitas em estilo judaico, e não no da cultura gentia. O sermão era chamado, como de fato era, uma homilia, um discurso ou conversa familiar (BROADUS, 2009, p. 11).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A pregação cristã apropriou-se da retórica grega e de suas influências, assim como da tradição profética do Antigo Testamento e das exposições didáticas dos rabinos judaicos. De acordo com Broadus (2009), a retórica de forma mais elaborada para a apresentação do evangelho chegou ao auge na Patrística com homens devotos, como Basílio, Gregório, Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho. Estes

> [...] tornaram-se, em um grau nunca alcançado pelos gregos mais antigos, um instrumento de força espiritual igualmente entre pessoas cultas e não cultas. Esses homens enobreceram a arte ao preenchê-la com a inconfundível realidade da fé e da mensagem cristãs, bem como por dedicá-la a finalidades cristãs. (BROADUS, 2009, p. 12).

©shutterstock

Martin Lloyd-Jones (1984, p. 39) destaca que "[...] qualquer verdadeira definição da pregação tem a obrigação [de mencionar] o homem [que] se acha ali a fim de entregar a mensagem de Deus, uma mensagem da parte de Deus". A pregação não está separada do pregador, pois a personalidade humana está intrinsecamente associada à pregação.

> Pregar é proclamar a mensagem de Deus, por meio de uma personalidade escolhida, para atender às necessidades da humanidade. [...] Essa definição identifica três elementos básicos para a pregação cristã, a saber: a mensagem de Deus, a personalidade humana (pregador) e as necessidades dos seres humanos (BROADUS, 2009, p. 4).

Essas necessidades podem ser percebidas ou não por esses seres humanos, mas certamente são necessidades de Deus para estes. Martin Lloyd-Jones (1984, p. 39) associa a pregação ao Pregador, da seguinte forma:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Ele foi enviado, é uma pessoa comissionada, e encontra-se ali de pé como porta-voz de Deus e de Cristo, dirigindo a palavra àquela gente. Noutras palavras, ele não está ali meramente para falar com eles, nem está ali a fim de diverti-los. Ele se encontra ali – e quero ressaltar isso – para fazer algo em favor daquela gente; ele está ali para produzir resultados de várias modalidades, ele está ali para influenciar pessoas. Não lhe compete meramente influenciar uma parte delas; não lhe compete apenas influenciar suas mentes, ou apenas suas emoções, ou meramente fazer pressão sobre a vontade delas, induzindo-as a se lançarem a alguma atividade qualquer. Mas acha-se ali a fim de tratar da pessoa inteira; e a sua pregação tem por intuito atingir a pessoa inteira, no próprio centro da vida. A pregação deveria efetuar uma diferença tal, no indivíduo que a ouve, que nunca mais ele fosse a mesma pessoa novamente. Noutras palavras, a pregação é uma transação entre o pregador e o ouvinte. Realiza algo em prol da alma humana, em favor da pessoa inteira, do homem todo; trata dele de maneira vital e radical (LLOYD-JONES, 1984, p. 39).

O pregador é uma figura central na pregação, tal como a pregação é uma figura central para a fé, na Igreja local. O laboratório de trabalho do pregador, que resultará em sua pregação é, por um lado, o estudo da Palavra e, por outro, a intimidade com as necessidades e dilemas do rebanho a quem ministra. O pregador é "[...] separado pela Igreja, a fim de servir nessa função e tarefa específicas" (LLOYD-JONES, 1984, p. 21). Por essa razão, Wiersbe e Sugden (2006, p. 56) aconselham que o pregador esteja intimamente envolvido com as pessoas a quem prega, tornando-se uma espécie de intermediário entre a Palavra e o rebanho:

> Mantenha-se em contato com o seu rebanho. Não há conflito algum entre apascentar e pregar: uma atividade complementa a outra. Como pastores, podemos conhecer as necessidades do rebanho; como pregadores, usamos a Palavra para alcançar essas necessidades. Não raro, você descobrirá uma mensagem brotando completa em seu coração, enquanto ministra em um hospital ou em um culto fúnebre. O pregador ilustre, que desce de sua torre de marfim uma vez por semana a fim de entregar uma mensagem, voltando em seguida a seus estudos, pode possuir grande erudição e habilidade homilética, mas não terá o toque pessoal que é tão necessário a uma pregação satisfatória. O sermão será como um "mar de vidro", porém não "misturado com fogo", "interior do véu" (intimidade com Deus) e "fora do arraial" (intimidade com o povo de Deus) são duas frases de Hebreus que descrevem a vida de um pastor equilibrado (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 56).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Homilética, portanto, como arte e ciência a serviço da Pregação da Palavra é de fundamental importância para que a Grande Comissão seja cumprida em qualquer igreja local. Na mesma medida em que a Pregação da Palavra é de fundamental importância para a vida e a saúde da Igreja. O pregador é a figura central desse processo. Nesse sentido, o estudo da Homilética diz respeito, portanto, ao processo de preparo da pregação e do pregador, não apenas das técnicas de exposição e de oratória no momento em que a pregação está acontecendo. Vamos observar esses dois momentos distintos, começando pela questão da comunicação e da expressão no momento da pregação de um sermão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

A comunicação de um sermão é uma atividade que exige muito preparo. Esse preparo, que antecede a entrega da mensagem à Igreja pode ser "[...] comparada a uma luta, a uma batalha, ou até mesmo ao trabalho de parto de uma mulher" (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 56). A responsabilidade do preparo favorece a que a pregação seja clara e que um raciocínio claro conduza as pessoas às percepções das realidades espirituais que estão sendo apresentadas. Essa preparação não se trata de tarefa simples, mas do compromisso de uma vida inteira:

> A preparação do sermão não é tarefa de algumas horas por semana. É o compromisso de uma vida inteira. O homem chamado por Deus e ungido pelo Espírito não tem maior privilégio ou responsabilidade do que proclamar a verdade eterna. Se o pregador deseja entregar a mensagem única de redenção e esperança à humanidade depravada, sem dúvida vale a pena despender seus melhores esforços. Nunca assuma o lugar ao púlpito sem estar preparado. Só a hábil preparação do sermão em si não faz grandes pregadores... mas com certeza ajuda! (CARLSON, 2005, p. 599).

Assim, o ministério da Pregação não pode ser feito sob os efeitos do improviso. Ao levantar-se para pregar, o pregador deve estar cuidadosamente preparado,

colocando-se "diante das pessoas" e partilhando "[...] a mensagem de Deus que se tornou uma parte dele. O sermão que ele foi levado a pregar é transportado em sua mente e coração" (BROADUS, 2009, p. 288).

> O segundo elemento que eu gostaria de enfatizar é certo senso de autoridade e controle exercido sobre a congregação e sobre as atividades. O pregador jamais deve desculpar-se por estar com a palavra, jamais deve dar a impressão de estar falando por permissão dos ouvintes, por assim dizer; ele não deve apresentar tentativamente certas sugestões e ideias. Não pode ser essa a sua atitude, sob hipótese alguma. Antes ele é um homem que está ali a fim de "declarar" certas coisas; é um homem com uma comissão, revestido de autoridade. É um embaixador, e deve ter consciência de sua autoridade. Sempre deve reconhecer que se apresenta à congregação na qualidade de mensageiro enviado. É óbvio que não se trata de uma questão de autoconfiança; isso seria sempre deplorável da parte de um pregador (LLOYD-JONES, 1984, p. 60).

Não se deve separar a pregação do pregador. O preparo para a pregação da Palavra implica que o sermão e o pregador sejam um. O momento da pregação não se trata de um discurso, mas da exposição de uma personalidade encarnada pela Palavra, a do pregador. Pregar não é falar e gesticular, mas implica que o pregador "[...] esteja possuído pelo tema, que esteja completamente em sintonia com ele, totalmente desperto para sua importância". Não se trata de repetir "palavras decoradas", mas de se liberar "[...] os pensamentos silenciados na mente" (BROADUS, 2009, p. 279).

> Mesmo a encenação só é boa na proporção da identificação do ator com a pessoa representada – ele tem de realmente pensar e sentir o que está dizendo. O pregador não está tentando representar outra pessoa, apropriar-se dos pensamentos e sentimentos de outro, mas simplesmente almeja ser ele mesmo, falar o que sua própria mente produziu (BROADUS, 2009, p. 280).

Na comunicação da mensagem, segundo Martin Lloyd-Jones, "[...] o pregador deve sugerir o senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade, ou então não tem o direito de estar em um púlpito" (LLOYD-JONES, 1984, p. 68). Pregar é diferente de apresentar uma preleção, um discurso.

> Não há lugar para um desinteresse calmo, frio e científico quanto a essas questões. Isso pode estar perfeitamente certo em um filósofo, mas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> é inconcebível em um pregador, devido à situação inteira em que ele se acha envolvido. Exatamente pela mesma razão a pregação sempre deve caracterizar-se pela persuasão. "Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus." Por certo o objetivo todo desse ato é persuadir as pessoas. O pregador não diz coisas simplesmente, com a atitude de "faça como quiser". Ele deseja persuadir seus ouvintes sobre a veracidade de sua mensagem; ele quer que seus ouvintes percebam sua mensagem; ele está procurando fazer algo em favor deles, está procurando influenciá-los (LLOYD-JONES, 1984, p. 68).

John A. Broadus (2009) trata de alguns elementos importantes na arte da comunicação na entrega de um sermão para atender adequadamente aos propósitos espirituais da pregação. O autor explica que o uso da voz é fundamental para conduzir os ouvintes aos propósitos da pregação. Primeiramente, destaca o que chama de capacidades da voz, que são a) a extensão: a variação de tom que a voz alcança; b) o volume: a quantidade de som produzida. Para ele, "[...] é inteiramente diferente do tom, embora possa ser confundido com ele. [...] Um volume amplo, adequadamente regulado tornará a voz audível a uma distância maior, e a fará mais imponente"; Por fim, c) a capacidade de penetração: a distância a que alguém pode ser ouvido. Para o autor, esse aspecto "[...] não depende simplesmente do volume e tom ou da articulação clara" (BROADUS, 2009, p. 296).

O autor sugere que, na comunicação da mensagem, deve-se tomar certos cuidados no manejo da voz, para que a voz coopere com os propósitos espirituais da Pregação da Palavra. Ele sugere que o pregador :

a) Não comece em tom muito alto.

> Se o pregador estiver muito agitado no princípio do discurso, não deve usar sua voz em sua potência máxima, mas reservá-la para um ponto posterior, culminante, como se faz com instrumentos musicais mais poderosos em um oratório. Na realidade, a voz muito raramente deveria atingir seu tom mais agudo ou seu máximo volume. Sempre deve haver uma força de reserva, exceto em algum momento de fervor mais exaltado (BROADUS, 2009, p. 301).

b) Não deixe a voz cair nas últimas palavras de uma frase.

> Embora ela deva baixar frequentemente, retornando ao tom geral do discurso, não deve cair muito bruscamente, nem cair demais. Não é incomum que as últimas palavras sejam bastante inaudíveis (BROADUS, 2009, p. 302).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

c) Nunca deixe de tomar fôlego antes que os pulmões fiquem inteiramente vazios e, em geral, mantenha-os bem cheios.

Um orador não deve ofegar em sua respiração pela boca, mas respirar pelas narinas, de maneira regular e constante. Ele deve manter a cabeça e o pescoço em uma postura ereta para poder respirar livremente – bem como por outros motivos – e não deve haver nada que lhe aperte o pescoço (BROADUS, 2009, p. 302).

d) Olhe frequentemente para os ouvintes mais distantes e perceba se eles o ouvem.

e) Desenvolva variedade de tom, força e velocidade.

> A monotonia destrói completamente a eloquência. Mas a variedade deve vir tendo-se cuidado em ter uma verdadeira e óbvia variedade de emoções e, depois, simplesmente expressando cada sentimento particular da maneira mais natural. A ênfase requer muita atenção. No discurso, uma ênfase correta será espontânea sempre que a pessoa tiver total afinidade com seu tema (BROADUS, 2009. p. 302).

John A. Broadus também sugere que seja dada atenção ao corpo e aos gestos durante a comunicação da mensagem, na pregação, para que a atenção à Palavra não seja perdida. O autor explica que a expressão facial tem grande poder de comunicação durante a pregação. Para ele, "[...] quando um pregador está envolvido no tema e subordina inteiramente qualquer preocupação consigo mesmo, seu semblante assumirá espontaneamente a expressão apropriada" (BROADUS, 2009, p. 306).

Além disso, Broadus (2009) aconselha que a postura do pregador seja ereta. "Em todas as situações, a postura do orador deve ser livre, desinibida e graciosa. Então, na elocução, ele terá poucos motivos para pensar na postura ou gesto, e poderá se movimentar naturalmente, sem medo" (BROADUS, 2009, p. 309). O autor também explica que "[...] posturas e gestos invariáveis, repetidos frequentemente, são um erro um tanto comum quanto muito grave" (BROADUS, 2009, p. 311). Apesar dos cuidados com a postura do corpo e com os gestos, Broadus (2009) também aconselha que a naturalidade ainda é preferível, em comparação à artificialidade:

> [...] é apropriado repetir que em todas as situações é preciso haver vida, liberdade e poder. Não reprima a natureza, embora ela deva ser con-

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> trolada; e não force a natureza. Não tenha como objetivo o aperfeiçoamento positivo da ação, mas o negativo – a correção de erros à medida que aparecem. Cuidado com esses erros. De tempos em tempos, peça a algum amigo sincero e criterioso que faça uma avaliação tanto da voz como da ação. Fale livre e corajosamente o que é sentido. Uma pessoa jamais poderá aprender a executar um movimento graciosamente senão executando-o frequentemente e sem inibição. Alguns dos erros de uma pessoa, na ação e na voz, podem fazer parte dela mesma. Corrija-os sempre que for possível; mas é melhor deixá-los permanecer do que substituí-los seja pela artificialidade seja pela insipidez (BROADUS, 2009, p. 311).

Com relação ao preparo envolvido na elaboração de um sermão, não são apenas as técnicas de comunicação no momento da exposição que devem receber a atenção do pregador. Na fase de preparo, há também uma enorme responsabilidade a ser assumida na questão do trabalho com as Escrituras para que a pregação seja bíblica e atenda às necessidades das pessoas e às necessidades de Deus para as pessoas. Vamos observar questões envolvidas no trabalho com o texto bíblico que antecede o momento da exposição pública da mensagem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

DO TEXTO À EXPOSIÇÃO

Há um trajeto que deve ser feito desde o texto bíblico até que o sermão seja entregue. Como temos visto, deve haver preparo por parte do pregador para o momento da entrega, porém, talvez ainda mais importante, é o preparo exigido do pregador para que o texto bíblico seja bem compreendido e anunciado na pregação, mantendo-se a coerência e a fidelidade ao texto.

Um dos grandes desafios para que isso aconteça é o de que a Bíblia é um texto muito antigo, com muita diversidade de assuntos e autores. Foi composta dentro de um contexto social e histórico que não existe mais. O que um texto disse no passado não pode ser diferente do que ele diz hoje. Por isso, o desafio do pregador é compreender adequadamente o texto dentro de seu próprio contexto para

então aplicar os princípios espirituais nele relacionados ao mundo de hoje. Esses princípios são para todas as gerações, mas estão encapsulados numa cultura e sociedade arcaicas. Essa tarefa é trabalhosa, mas absolutamente necessária para se evitar a pregação de heresias, os desvios doutrinários e afirmações "em nome de Deus", mas que ele nunca as fez na Bíblia.

Vamos observar alguns dos passos importantes nessa tarefa. Talvez não na ordem em que devem ser dados, mas é importante saber que compreendê-los nos ajudará no sentido de que nossos sermões sejam realmente bíblicos e também contextualizados.

©shutterstock

PROPÓSITO DO AUTOR

Como o autor bíblico já morreu, não se pode perguntar a ele o que ele tinha em mente quando escreveu e quais seriam as implicações do que ele escreveu para o hoje. É possível que ele próprio, segundo a doutrina da Inspiração bíblica, não estivesse completamente ciente de que seu texto se "tornaria bíblia". Então, é necessário fazermos um estudo investigativo para nos aproximarmos ao máximo possível da intenção original do autor bíblico. Como diz Robert Stein (1999, p. 47):

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> [...] todas as implicações de um texto são controladas pelo significado pretendido pelo autor. [...] Portanto, para que sejam estabelecidos os limites das verdadeiras implicações do texto, faz-se necessária uma compreensão clara e cuidadosamente definida do padrão pretendido pelo autor"

De acordo com Stein, esses limites estabelecidos são o "padrão de significado" do texto. A descoberta do "padrão de significado", bem como de suas implicações, está diretamente relacionada ao propósito do autor e ao contexto.

Para entendermos esse conceito, vamos imaginar uma declaração do tipo "carvalhos são maravilhosos". O que isso significa? Depende. Depende do autor e do contexto em que essa declaração foi proferida. Essa análise vai delinear o "padrão de significado" pretendido pelo autor da declaração. Todas as implicações dessa declaração estão limitadas por este "padrão de significado". Stein (1999) explica:

> As implicações legítimas de uma declaração como 'Carvalhos são maravilhosos!' são determinadas pelo autor e pelo contexto: se foi proferida por uma criança subindo na árvore, é legítimo pensar que para ela 'carvalhos são maravilhosos para *subir*, devido aos seus muitos galhos'. No entanto, se partiu de um empreiteiro construindo uma casa, de um artista pintando uma paisagem, de um engenheiro civil encarregado do controle do fluxo de água de um rio ou de um biólogo ensinando fotossíntese, os carvalhos seriam maravilhosos pela sua resistência para a construção de casas; pelas suas belas proporções; pela sua utilidade na prevenção da erosão e no controle do fluxo do rio; pela capacidade de converter nutrientes. Porém, a implicação de um não se enquadraria na do outro (STEIN, 1999, p. 44).

As declarações bíblicas, portanto, estão também circunscritas num "padrão de significado" que está ligado à intenção do autor e ao contexto em que essas declarações foram proferidas. Podemos entender de uma declaração algo completamente diferente do que ela queria dizer, se não respeitarmos os limites desse padrão de significado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

RESPEITO AOS CONTEXTOS DO TEXTO

A intenção do autor, portanto, está completamente ligada ao contexto em que ele estava escrevendo. Sem que o pregador tenha essa preocupação investigativa, ele pode pregar algo completamente fora do que a Bíblia estava querendo dizer. Na verdade, pode-se ensinar qualquer coisa a partir da Bíblia, se desrespeitarmos o contexto. Como se diz popularmente no ditado: "texto fora do contexto é mero pretexto".

Desrespeitando o contexto do texto, podemos, por exemplo, dizer que a Bíblia ensina que "Deus não existe", com base numa parte do verso primeiro do Salmo 53, que diz: "Deus não existe". Alguém poderia alegar: "mas você está cortando o versículo para afirmar isso!". Pois é, estou "desrespeitando o contexto" do texto. Podemos, por exemplo, ensinar que a Bíblia aprova a embriaguez, com base em Provérbios 31.6-7:

> Dai bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito. Que beba, e esqueça da sua pobreza, e da sua miséria não se lembre mais. (PROVÉRBIOS 31.6-7, ACF).

Ainda como exemplos, desrespeitando-se o contexto, podemos, incorretamente, pregar que a Bíblia dá base favorável para a poligamia (2Samuel 5.13) e para a prostituição (Gênesis 38.15-16). É certo que são exemplos exagerados e facilmente refutados, mas o erro poderia ser muito mais sutil e ser propagado como verdade bíblica, quando não é. Um exemplo clássico é a afirmação "Tudo posso naquele que me fortalece", de Filipenses 4.13. Essa partícula "tudo" precisa ser lida dentro do contexto em que o versículo se encontra. Caso contrário, esse "tudo" pode dar lugar a assuntos que não deveriam fazer parte dele, do ponto de vista de Filipenses 4.13. Desse modo, o estudo cuidadoso do contexto do texto bíblico é fundamental para não ensinarmos o que a Bíblia não ensina.

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) dividem o respeito ao contexto do texto sob duas óticas: contexto literário e contexto histórico. Sobre o contexto literário, afirmam que "[...] essencialmente, o contexto literário significa que as palavras somente fazem sentido dentro de frases, e, na sua maior parte, as frases na Bíblia somente têm significado em relação às frases anteriores e posteriores" (FEE; STUART, 1984, p. 23). Robert Stein (1999), por sua vez, reforça que:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Devemos entender o contexto literário como sendo o que o autor procurou dizer com os símbolos utilizados antes e depois do texto em investigação. Portanto, quando nos referimos ao 'contexto', aludimos ao padrão de significado compartilhado pelo autor nas palavras, orações, nos parágrafos e capítulos que rodeiam o texto (STEIN, 1999, p. 62).

Uma forma prática de respeitarmos o contexto literário, portanto, é observarmos o fluxo de ideias antes e depois do texto estudado, assim como observar como o texto que está sendo estudado se encaixa no conjunto do capítulo e do livro.

O segundo contexto que deve ser analisado é o contexto histórico. Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) explicam que:

> O contexto histórico, que diferirá de livro para livro, tem a ver com várias coisas: a época e a *cultura* do autor e dos seus leitores, ou seja; os fatores geográficos, topográficos e políticos que são relevantes no âmbito do autor; e a *ocasião* do livro, carta, salmo, oráculo profético, ou outro gênero. Todos os assuntos deste tipo são especialmente importantes para a compreensão (FEE; STUART, 1984, p. 22).

A questão mais importante no contexto histórico tem a ver com a ocasião e o propósito de cada livro bíblico e/ou das suas várias partes. Para observar o contexto histórico do texto, podemos recorrer a ferramentas de pesquisa confiáveis: dicionários e comentários bíblicos, ou um manual bíblico. Há diversos estudos de qualidade desenvolvidos por especialistas ao longo, especialmente, do último século que nos ajudarão a compreender o contexto histórico.

> Realmente faz uma grande diferença para a compreensão do texto, conhecer a formação de Amós, Oséias, ou Isaías, ou que Ageu profetizou *depois* do exílio, ou saber as expectativas messiânicas de Israel quando João Batista e Jesus apareceram no cenário, ou compreender as diferenças entre as cidades de Corinto e Filipos e como estas diferenças afetam as igrejas em cada uma destas cidades. Nossa leitura das parábolas de Jesus é grandemente realçada por sabermos alguma coisa acerca dos costumes dos dias de Jesus. Decerto faz diferença saber que o denário oferecido aos trabalhadores em Mateus 20.1-16 era o equivalente do salário de um dia inteiro (FEE; STUART, 1984, p. 22).

Esse estudo dos contextos, especialmente do contexto literário, pode ser aprimorado estudando-se versões bíblicas diferentes, traduções diferentes e até mesmo, se possível, através de uma leitura do texto em sua língua original, grego ou hebraico. É seguro que as interpretações que fizermos de uma determinada passagem estejam necessariamente a) em conformidade com as demais passagens que tratam

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

do assunto; b) em conformidade com as Escrituras como um todo; e c) em conformidade com a leitura das Escrituras a partir da ótica do Novo Testamento.

RESPEITO AOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) explicam que não há uma abordagem única na interpretação da Bíblia, sendo ela um conjunto de gêneros literários variados. Os gêneros literários são as variadas formas de expressão dos autores e representam fortemente a intenção destes com relação aos seus conteúdos e pensamentos. Para efeito de interpretação, com vistas à pregação e à aplicação prática, não podemos tratar os gêneros com igualdade, pois isso seria forçar um texto a dizer o que de fato não está dizendo. Quando conseguimos identificar o gênero literário, já conseguimos estabelecer as bases para seu trabalho interpretativo do texto. Os autores ensinam que os principais gêneros literários constantes na Bíblia são:

Lei: preceitos, normas e costumes que visavam regular as alianças entre Deus e o povo de Israel. Os principais escritos desse gênero são Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Acerca desse gênero, uma pergunta importante é: "O que ainda tem relação com a igreja é o que possuía aplicação para a antiga nação de Israel?".

Poesia: a expressão de vivências, sentimentos e percepções da realidade material e espiritual traduzidas em linguagem lírica ou poética. Está presente principalmente nos livros de Salmos, Cantares e Lamentações. Deve-se tomar cuidado com interpretações que extraiam doutrinas da literatura poética, pois o aspecto doutrinário é secundário nas intenções dos autores desse tipo de gênero.

Narrativas: as narrativas tratam de acontecimentos, feitos históricos de natureza real ou imaginária, genealogias e recordações de caráter didático. De certa forma, as narrativas não apenas relatam os fatos, mas também os interpreta. As narrativas estão presentes em grande parte da Bíblia (partes do Pentateuco, Samuel, Reis, Crônicas, Evangelhos e Atos dos Apóstolos) e devem ser interpretadas à luz dos ensinos sistemáticos, sob a perspectiva da revelação progressiva.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

SAIBA MAIS

A revelação especial era progressiva, não no sentido de um desenvolvimento evolucionário gradual, mas no sentido de as revelações posteriores acrescentarem mais detalhes às anteriores. Não se trata de um movimento na revelação especial da não verdade para a verdade, mas de um desvendamento menor para um mais completo.

Fonte: Horton, S. (1996, p. 82- 83).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Literatura sapiencial: a literatura sapiencial representa o refinamento da experiência e observação dos sábios, expressa de maneira sentenciosa (sentenças de máximas). Em geral, reflete a busca de significados mais profundos acerca da realidade, com vistas ao ensino e transmissão a gerações futuras. Encontra-se principalmente em Jó, Provérbios e Eclesiastes. Essa literatura também deve ser interpretada à luz dos ensinos sistemáticos e da revelação progressiva.

Literatura apocalíptica: relata as experiências místicas de certos indivíduos através linguagem simbólica. Em geral, funciona como uma busca de sentido para a história de redenção e estímulos para o povo de Deus em tempos difíceis. Está presente, principalmente, em Daniel, Ezequiel e Apocalipse. A interpretação desse tipo de literatura exige cuidados especiais: além da busca pelo significado para os leitores originais, também são importantes cuidados com o uso da analogia, assim como o entendimento das figuras e símbolos de acordo com a cultura na qual o texto foi produzido.

Profecia: o gênero "profecia" apresenta mensagens de Deus ao povo de Israel, por meio dos profetas. As intenções desse gênero são, em geral, denunciar o pecado, chamar à conversão, anunciar castigos e consolar através da visão futura. Está presente nos profetas maiores e menores e, de forma isolada e pontual, em alguns outros livros. A profecia, especialmente, deve ser sempre interpretada à luz do contexto histórico na qual foi proferida.

Literatura epistolar: a literatura epistolar, característica de boa parte do Novo

Testamento, representa exposições doutrinárias, exortações, direções específicas e instruções referentes à vida cristã e Igreja. É encontrada nos escritos de Paulo, Pedro, Tiago, João, Judas e na carta aos Hebreus. Apesar de também exigir cuidados no processo de interpretação, a literatura epistolar representa um refinamento da revelação e deve ser considerada como palavra final nos dilemas hermenêuticos.

RESPEITO ÀS FIGURAS DE LINGUAGEM

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984) também chamam a atenção para o fato de que as figuras de linguagem sejam entendidas como tal. Isto porque a figura de linguagem é uma forma de expressão em que as palavras usadas comunicam um sentido não literal. É uma representação legítima que pretende comunicar mais claramente uma ideia literal. Ela dá vida e cor a uma passagem, chama a atenção, torna ideias abstratas mais completas, ajuda a guardar informações, abrevia uma ideia (Jo 1.29), encoraja a reflexão (Sl 52.8) etc.

Os autores destacam algumas das principais figuras de linguagem, com alguns textos bíblicos como exemplo:

Eufemismo: serve para suavizar a expressão de uma ideia substituindo a palavra ou expressão própria por outra mais agradável, mas polida (At 7.60; 1Ts 4.14).

Hipérbole: trata-se de um exagero para dar ênfase, representando uma coisa com muito maior ou menor grau do que em realidade é, para apresentá-la viva à imaginação (Mt 5.29-30; Jo 21.25).

Ironia: é a expressão do contrário do que se quer dizer, porém, sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro (1Rs 18.27).

Metáfora: uma semelhança entre dois objetos ou fatos, caracterizando-se um com o que é próprio do outro (Mt 5.13; Jo 15.1; Jr 50.6).

Metonímia: é o emprego de um nome por outro com o qual tem relação. Serve para empregar a causa pelo efeito, ou o sinal ou símbolo pela realidade que indica o símbolo (1Jo 1.7; 1Co 10.21; Hb 13.4; Jo 13.8).

Parábola: é uma espécie de alegoria apresentada sob forma de uma narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre com o objetivo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes. Exige que se identifique a situação que originou a parábola e a verdade que está sendo ensinada (Mt 13.3-8).

Antropomorfismo: serve para atribuir características humanas a Deus (2Cr 16.9).

Antropopatismo: serve para atribuir sentimentos humanos a Deus (Gn 6.6).

Tipo: é uma classe de metáfora que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos no porvir. É pré-figurativo (Jo 3.14; Mt 12.40).

Antítese: é a inclusão, na mesma frase, de duas palavras, ou dois pensamentos, que fazem contraste um com o outro (Mt 7.13-14; Mt 7.17-18).

Alegoria: é uma ficção em que se admite um sentido literal, exigindo, todavia, uma interpretação figurada. São várias metáforas unidas (Jo 6.51-65; Sl 80.8-13)

Paradoxo: é uma declaração oposta à opinião comum, que parece absurda, porém, quando estudada, torna-se correta e fundamentada (Mt 23.24; Mt 19.24; 2Co 12.10; Mc 8.35).

BUSCA DO SENTIDO ELEMENTAR DO TEXTO

Como já vimos, um texto não pode *significar* o que ele *não significou* no passado. As implicações do texto podem ser diferentes hoje, em relação ao passado, porque "o mundo" mudou, mas o significado permanece sempre o mesmo. Por isso, o ponto de partida para a boa interpretação da Bíblia é a investigação do sentido elementar (significado original) do texto (STEIN, 1999, p. 42). Mas o que é o significado original de um texto? O significado de um texto é aquele padrão que o autor desejou transmitir através de palavras. Robert Stein (1999, p. 42) explica que:

> O significado do texto depende do desejo consciente e específico do autor. Este princípio é determinante para a nossa compreensão. E, a exemplo de qualquer evento histórico, o significado não pode ser mudado, nem mesmo pelo autor, pois ele não tem como mudar o que já aconteceu. O máximo que pode fazer é 'retratar-se', mas isso não altera o significado que permanece no texto. Para expressar um novo significado, será necessária uma revisão ou uma nova edição alterada da obra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Gordon Fee e Douglas Stuart (1984, p. 26) concordam, explicando que a intenção o autor é o fundamento mais básico para a interpretação de um texto bíblico.

> *Um texto não pode significar o que nunca significou.* Ou, colocando a coisa de modo positivo, o significado verdadeiro do texto bíblico para nós é o que Deus originalmente pretendeu que significasse quando foi falado/escrito pela primeira vez. Este é o ponto de partida.

Mas a pergunta prática que precisamos tentar responder é: "como identificar o significado original de um texto?". Os passos práticos seriam: a) identificar o gênero literário, com já vimos anteriormente; b) fazer perguntas interpretativas; c) fazer um estudo gramatical do texto; d) observar o fluxo das ideias do autor; e) observar os contextos; e f) estabelecer o padrão de significado.

Como já estudamos anteriormente sobre a questão do gênero literário, agora vamos compreender como usamos as perguntas interpretativas. Trata-se de perguntas que fazemos ao texto para que o próprio texto responda. Exemplos de perguntas interpretativas são: Quem? Como? Onde? De que forma? Por quê? Quais? E tantas quantas forem cabíveis. A título de exemplificação, vamos fazer perguntas interpretativas em cima de Hebreus 10.23:

> Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel. (HEBREUS 10.23 – NVI)

Quem? "Nós"

Nós temos que fazer o quê? "Apegar-nos".

Apegar-nos de que maneira? "Com firmeza".

Temos que nos apegar com firmeza a quê? "À esperança".

Qual esperança? "A que professamos".

Por que? "Porque aquele que prometeu é fiel".

Quem é aquele que prometeu? A resposta estará numa análise do contexto literário.

Aquele que prometeu é o quê? "Fiel".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Depois de fazermos uso de perguntas interpretativas, é importante fazermos um estudo gramatical do texto que estamos trabalhando. Isso significa identificar o sujeito (a respeito de quem se fala), o predicado (aquilo que se fala a respeito do sujeito), os verbos (as ações que o sujeito pratica ou sofre), os adjetivos (a qualidade dessas ações ou as características do sujeito), etc. No texto de Hebreus 10.23, que pegamos como exemplo, seria assim:

> Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel. (HEBREUS 10.23 – NVI).

Sujeito: "Nós" e Predicado: "apeguemo-nos com firmeza [...]".

Verbos: Apeguemo-nos; Professamos; Prometeu; É.

Adjetivos: Fiel; Firmeza (A palavra firmeza é um substantivo, mas que exerce a função de adjetivo na frase).

Substantivos: Esperança.

Também poderíamos relacionar artigos, advérbios, conjunções, etc.

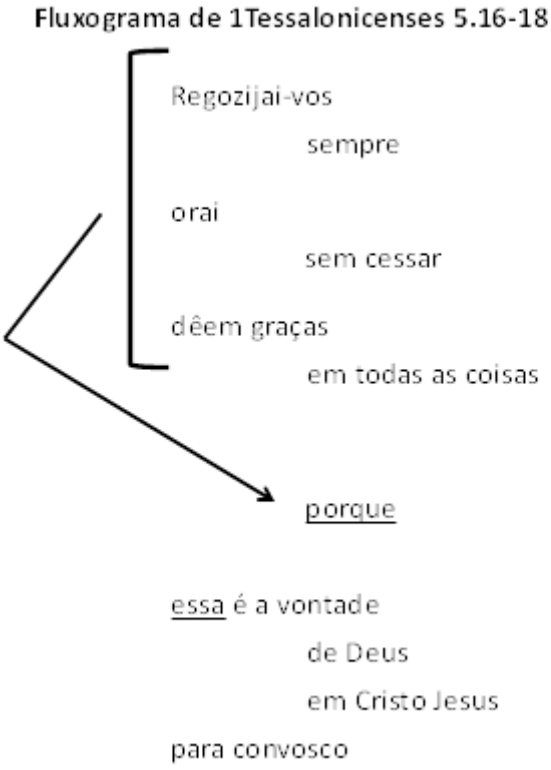
Depois de: a) identificar o gênero literário; b) usar perguntas interpretativas; e c) fazer um estudo gramatical do texto, o passo seguinte será d) construir um diagrama que mostre o fluxo das ideias do autor. Trata-se de um estudo sobre como os elementos identificados no texto relacionam-se entre si. Douglas Stuart e Gordon Fee (2008, p. 251) propõem uma ilustração gráfica do fluxo das ideias do autor. Veja o exemplo dos autores em cima de 1Ts 5.16-18:

> Regozijai-vos sempre. 17 Orai sem cessar. 18 Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. (1TESSALONICENSES 5.16-18 – ACF).

O diagrama proposto por Stuart e Fee (2008, p. 251) seria como o ilustrado a seguir:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 1 -Diagrama de Fluxo de Ideias em 1Tessalonicenses 5.16-18



Fonte: Stuart e Fee (2008, p. 251).

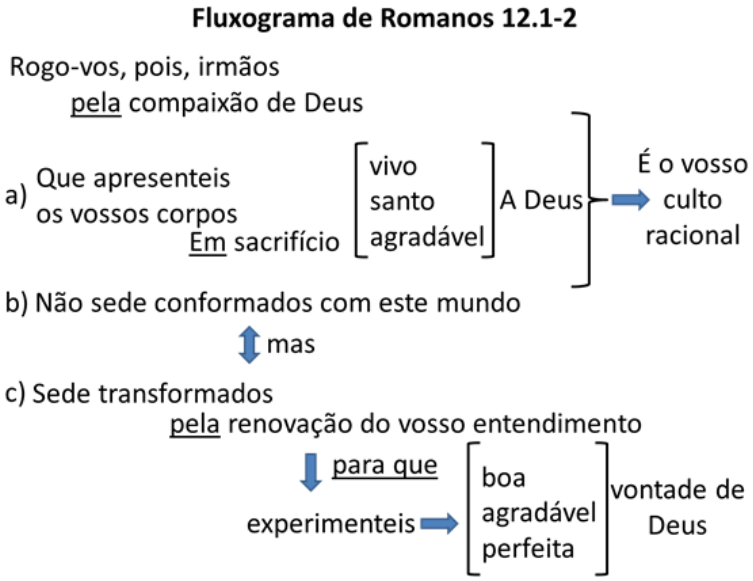
Vamos refazer esse gráfico de fluxo de ideias do autor tomando por base, agora, o texto de Romanos 12.2:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. 2 E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus. (ROMANOS 12.1-2 – ACF).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Um diagrama de fluxo de ideias nesses dois versículos poderia ser a seguinte:

Figura 2 - Diagrama de Fluxo de Ideias em Romanos 12.1-2



Fonte: o autor.

Elaborar um diagrama de fluxo de ideias nos ajuda muito a compreender o que está sendo dito. É possível que alguém habilidoso e experimente não faça um diagrama assim para compreender melhor o texto bíblico que está trabalhando. Mas, provavelmente, porque já o consegue fazer mentalmente, ainda que não perceba. Insistir em praticar a elaboração de gráficos de fluxo de ideias vale a pena, ainda que possam parecer um pouco assustadores, num primeiro momento.

O passo seguinte na busca pelo padrão de significado é observar os contextos em que o texto se encontra. Como já vimos, significa observar o contexto literário e o contexto histórico. Analisar os contextos de um texto é uma das tarefas mais elementares, mais importantes e mais constantes na busca do significado elementar do que o autor estava querendo dizer.

Por último, depois de todo esse esforço, estaremos prontos para fazer a identificação do padrão de significado constante no texto. O significado do texto é único e refere-se ao que o autor quis comunicar por meio de suas palavras, porém, o significado concede o que poderíamos chamar de "um padrão de significado".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

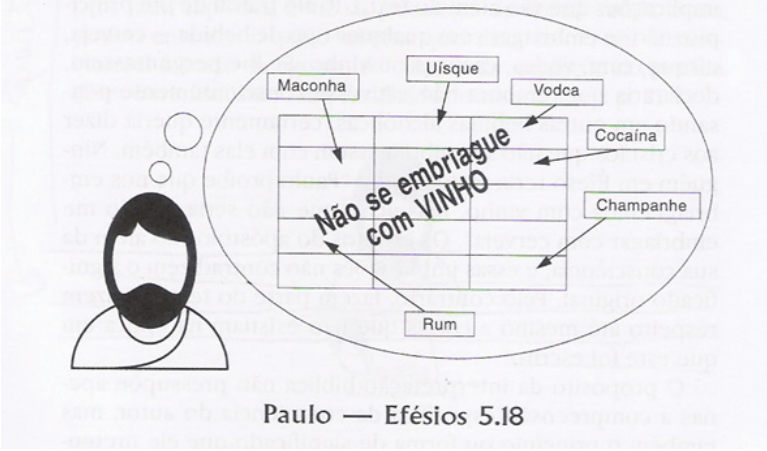
O "padrão de significado" seria o "princípio espiritual" que está sendo comunicado no texto e que está por trás das palavras do autor. Para compreender a ideia do "padrão de significado" constante no texto bíblico, Robert Stein (1999, p. 43) faz uma ilustração com Efésios 5.18:

> E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito. (EFÉSIOS 5.18 – ACF).

O significado aqui é bem claro, os efésios não deveriam se embriagar com vinho. Mas será que eles poderiam se embriagar com pinga? Com saquê? Com uísque? O texto não apenas traz um significado como também um padrão de significado implícito.

Em Efésios 5.18, por exemplo, o padrão desejado é a proibição da embriaguez com qualquer bebida alcoólica, e não apenas com vinho. O mandamento para não nos embriagarmos com vinho é apenas parte desse padrão, isto porque o mandamento envolve todas as bebidas alcoólicas atuais, assim como os narcóticos – mesmo que o apóstolo Paulo, a quem é atribuída a escrita de Efésios, tradicionalmente, não fizesse ideia da existência dessas substâncias nem de como elas entrariam no corpo humano (STEIN, 1999, p. 43). Ilustrando-se graficamente o "padrão de significado" de Efésios 5.18, de acordo com Robert Stein (1999), ficaria assim:

Figura 3 - Gráfico do Padrão de Significiado de Efésios 5.18



Fonte: Stein (1999, p. 43).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para que fique ainda mais claro, este "padrão de significado" são as implicações que o significado original traz junto com ele. "Implicações" são aqueles significados dos quais o autor não estava ciente, mas que, apesar de tudo, enquadram-se legitimamente no padrão de significado por ele pretendido (STEIN, 1999, p. 43). Tendo em vista as implicações do "padrão de significado", o texto pode trazer ensinos para o presente que não trouxe para o passado. O autor explica que:

> Se o princípio ou forma de significado pretendido por Paulo é algo como: 'Não contamine seu corpo com substâncias como o vinho, que podem fazer com que você perca o controle de seus sentidos e inibições naturais', então o uso de narcóticos é igualmente proibido por esse versículo. Se perguntássemos ao apóstolo sobre o assunto, com certeza responderia: 'Eu não estava conscientemente pensando em narcóticos quando escrevi, mas foi exatamente a esse tipo de coisa que me referi'. O fato é que cada texto tem implicações ou significados dos quais o autor não está ciente, mas que se encaixam no significado pretendido (STEIN, 1999, p. 30).

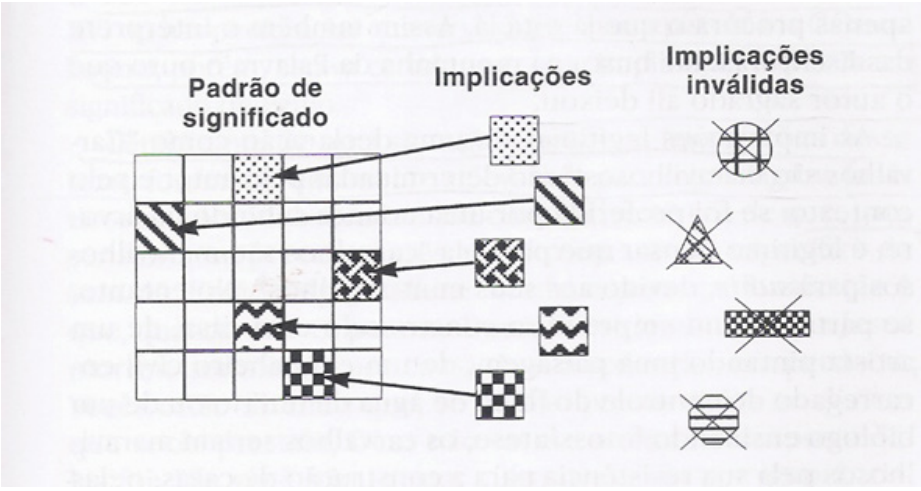
Neste momento, é importante nos lembrarmos que um dos propósitos da interpretação bíblica é compreender não apenas o significado dos autores das Escrituras, mas, também, por meio de um padrão de significado, as várias implicações do texto. As implicações não são determinadas pelo intérprete, mas pelo autor. O intérprete:

> [...] tal como o mineiro que se aventura pelas montanhas para encontrar ouro, busca descobri-las. O mineiro não cria o ouro da montanha, apenas procura o que já está lá. Assim também o intérprete das Escrituras. Ele busca na montanha da Palavra o ouro que o autor sagrado ali deixou (STEIN, 1999, p. 44).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A figura seguinte faz uma ilustração da relação entre o "padrão de significado" e suas "implicações" inerentes:

Figura 4 - Gráfico Ilustrativo do Padrão de Significado e suas Implicações



Fonte: Stein (1999, p. 44).

A VOCAÇÃO DO PREGADOR

De acordo com Carlson (2005, p. 594), todo pregador deveria sentir-se na obrigação de entregar sermões que sejam poderosos e eficazes. É importante, porém, ressaltar que sermões assim não surgem ao acaso, não são decorrentes de aptidão pessoal, habilidades ou boa homilética, apenas. Têm muito a ver com o preparo da vida do pregador.

John A. Broadus (2009, p. 16-17) explica que o pregador precisa ter uma experiência espiritual com Cristo e que esta pode ser "embotada ou esfriada", se não for zelada. Para o autor, uma pregação pode ser chamada de "real" quando esta reflete a vida do pregador.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Em geral, o pregador, tem uma experiência espiritual prévia com Jesus Cristo, mas ele pode deixar que essa experiência se embote e esfrie. O pregador pode manter sua experiência real ouvindo seus próprios sermões. Ele também deve se envolver na adoração pública e particular; deve amar e servir ao ser humano; deve testemunhar do poder salvador de Cristo; também deve ofertar para o sustento da igreja. Quando o ministro segue o caminho do discipulado, sua pregação é "real". (BROADUS, 2009, p. 16-17).

©shutterstock

A vida do pregador é, provavelmente, o aspecto mais importante do preparo do sermão. Habilidades técnicas de interpretação e exposição bíblicas não são suficientes para que os propósitos da pregação sejam atingidos, na Igreja. Carlson (2005, p. 595) nos adverte:

> Pregar não é produto de algumas poucas horas de estudo por semana; é o fluxo de uma vida inteira de relacionamento com Cristo. E no quarto secreto com Ele é que recebemos a verdade em nosso espírito e mente. Ali o Espírito Santo ilumina a Palavra. Compreensão adequada da relevância bíblica para as necessidades contemporâneas deve estar no âmago de toda mensagem. Só então os princípios podem ser aplicados no viver diário.

Hernandes Dias Lopes (2008, p. 171) destaca que uma das áreas mais importantes da pregação é a vida do pregador, lembrando de John Stott, famoso autor cristão do século XX, o qual dizia que "[...] a prática da pregação jamais pode ser divorciada da pessoa do pregador". O autor insiste que a maior necessidade da

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

igreja é de pregadores que sejam "homens piedosos" (que vivam em santidade). Para ele, isso é muito mais importante que uma pregação "[...] com consistente exegese, sólida teologia e brilhante apresentação". Hernandes Dias Lopes denuncia (2008, p. 170):

> É assustador o número de pastores que estão no ministério, que sobem ao púlpito a cada domingo, exortam o povo de Deus à santidade, combatem tenazmente o pecado, mas ao mesmo tempo têm vida dupla; em casa, são maridos insensíveis e infiéis, pais autocráticos e sem alguma doçura com os filhos. Há muitas esposas de pastor vivendo o drama de ter um marido exemplar no púlpito e um homem intolerante dentro de casa. Há muitos pastores que já perderam a unção e continuam no ministério sem chorar pelos próprios pecados. Não são poucos aqueles que, em vez de alimentar o rebanho de cristo, apascentam a si mesmo; que, em vez de proteger o rebanho dos lobos vorazes, são os próprios lobos vestidos de toga. Charles Spurgeon dizia que um pastor infiel é o maior agente de Satanás dentro da igreja.

Broadus (2009) alerta que "[...] o pregador que desenvolve as habilidades homiléticas pode se esquecer de sua necessidade do Espírito Santo" (BROADUS, 2009, p. 19). Para o autor, isso é uma tragédia, e o que explica que "alguns cultos de adoração" sejam "[...] frios e sem vida e de os sermões nesses cultos não terem impacto". Carlson (2005) destaca que, como pregadores, "[...] não precisamos nos preocupar com a nossa capacidade; dependamos da capacidade de Deus e de sua capacitação" (CARLSON, 2005, p. 103). A questão é que nossos esforços de crescimento na arte da Homilética não são capazes de suplantar a o poder da capacitação espiritual de Deus a uma vida consagrada. O autor explica:

> Deus abençoará a igreja ou o ministério quando os ministros consistentemente pregarem a Palavra e viverem vidas piedosas. O apóstolo Paulo deixou esse ponto claro, quando disse: "De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus. Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espirito de Deus; de maneira que, desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo" (Rm 15.17-19). O testemunho de Paulo era que ele pregava a Palavra e vivia de acordo com ela, por isso o seu ministério foi honrado por Deus com resultados sobrenaturais. Nossa palavra terá pouco efeito se não estiver apoiada em um viver íntegro. Vamos examinar cada um destes aspectos da mensagem proclamada (CARLSON, 2005, p. 100).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O autor defende que "[...] homens santos de Deus escreveram a bíblia quando foram capacitados pelo Espírito Santo, e homens santos de Deus, impulsionados pelo poder do Espírito, são necessários para trazer revelação à igreja dos dias de hoje" (CARLSON, 2005, p. 103). A responsabilidade do pregador é a de ser fiel, em sua vida e em sua pregação. Isso trará segurança para sua comunidade (WIERSBE; SUGDEN, 2006, p. 52). "O pregador não sobe ao púlpito para entreter ou agradar a seus ouvintes, mas para anunciar-lhes todo o desígnio de Deus. Sem pregação fiel não há santidade. Sem santidade não há salvação. Sem santidade ninguém verá a Deus" (LOPES, 2008, p. 177).

John A. Broadus (2009) identifica as características que para ele devem estar presentes na vida do pregador: a) a percepção do chamado divino; b) uma experiência cristã vital; c) a continuidade na aprendizagem; d) o desenvolvimento dos seus dons naturais; e) a manutenção de sua saúde física; e f) a completa dependência do Espírito Santo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ANOTAÇÕES

FUNDAMENTOS PARA UMA HOMILÉTICA RELEVANTE E CONTEXTUALIZADA

Uma das tarefas mais importantes da pregação está na parte da contextualização, a qual consiste em fazer as aplicações práticas, para a vida, que estejam ligadas ao princípio espiritual que está sendo pregado. Nos termos técnicos de Robert Stein, existe apenas um significado no texto e ele não muda. A significação, porém, tem muitas facetas, podendo variar de uma pessoa para outra (STEIN, 1999, p. 48). A significação de um texto deve ser distinguida das implicações, pois trata-se de algo que os leitores fazem, ao responderem ao significado do texto (STEIN, 1999, p. 49).

Robert Stein chama de significação a maneira como o leitor reage ao padrão de significado e às suas implicações. Significação refere-se à maneira como um leitor responde ao significado de um texto. Nesse sentido, o autor explica que, para o cristão, a implicação e a significação são muito próximas, porque ele está interessado em obedecer. Entretanto, para um incrédulo, ainda que a implicação do significado esteja muito clara, para ele, o texto não tem qualquer significação, porque não tem qualquer efeito de obediência. A significação é a aplicação das implicações do texto ao presente.

Uma das funções do pregador é a de fazer a contextualização da mensagem. Caso contrário, sua pregação será apenas informativa. Mas, como afirma Bruce Wilkinson (1998, p. 108), a Bíblia não nos foi dada para nos informar, mas para nos transformar. A transformação tem a ver com a contextualização da mensagem à realidade de vida dos ouvintes da pregação. Desse modo, a contextualização da mensagem é como o leitor reage ao padrão de significado, com suas implicações, dentro de sua realidade. Para ilustrar a relação entre o significado de um texto, suas implicações e a contextualização à realidade, observemos o texto da Grande Comissão:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (MATEUS 28.19-20 – ARA).

O gráfico abaixo ilustra a relação entre o "padrão de significado" do texto, suas implicações e sua contextualização (significação):

Figura 5 - Gráfico de Padrão de Significado com Implicações e Significações

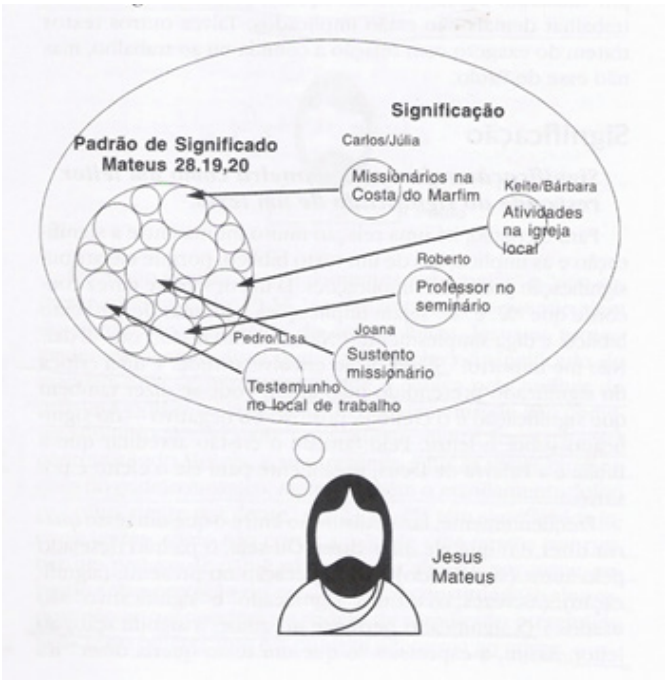
Padrão de significado	Implicações	Significação
Jesus ordena que seus discípulos gerem outros discípulos, prometendo estar com eles.	➢O discípulo deve agir para que outros discípulos sejam formados. ➢ O trabalho do discípulo é gerar outros discípulos. ➢ O discípulo deve ser capaz de ensinar. ➢O discípulo tem a promessa da companhia de Jesus enquanto estiver fazendo o seu trabalho. ➢ O discípulo precisa saber o que Jesus ordenou. ➢ O discípulo deve evangelizar. ➢ O discípulo deve batizar. ➢ O discípulo obedece a Jesus quando se dedica a formar outros discípulos. ➢ ... etc.	➢ Compartilho minha fé no meu local de trabalho. ➢ Apoio o trabalho de uma agência missionária. ➢ Contribuo com o trabalho da minha igreja local. ➢ Sou pastor de tempo integral. ➢ Ensino histórias bíblicas para as crianças do meu bairro. ➢ Ajudo pessoas em dificuldades para ter oportunidade de falar de Jesus. ➢ Oro por pessoas doentes e aflitas nos hospitais. ➢Dou palestras com princípios cristãos a profissionais da minha área. ➢ ... etc.

Fonte: o autor.

Abaixo, Robert Stein (1999, p. 48) apresenta um exemplo gráfico da contextualização (significação) de Mateus 28.19-20:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Figura 6 - Gráfico da Significação de Padrões de Significado



Fonte: Stein (1999, p. 48).

Grant Osborne (2009, p. 551-552) explica que a chave da contextualização é buscar uma verdadeira "[...] fusão dos horizontes do texto bíblico e da situação moderna". Essa fusão de contextos deve ser consistente e significativa. Para o autor, a falha nessa fusão resultará em uma contextualização imprópria ou falsa, podendo trazer sérias consequências.

Osborne (2009) também explica que o conteúdo da revelação bíblica é imutável, mas a forma em que ele é apresentado está sempre mudando. Segundo ele, esses dois aspectos – forma e conteúdo – constituem o núcleo indispensável da contextualização (OSBORNE, 2009, p. 532).

Bruce Wilkinson (1998, p. 108) esclarece que, como a Bíblia tem o objetivo de transformação, é necessário que o pregador não apenas apresente o que o texto está dizendo, mas, especialmente, quais as implicações deste para o hoje e como ele pode ser vivenciado hoje, na realidade de vida das pessoas. O autor chama essa etapa da pregação de "aplicação". Referindo-se, especificamente, ao processo ensino/aprendizagem, o autor explica:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

> Durante a passagem e o princípio, o enfoque está no conteúdo, mas durante o passo "personalize" você redireciona as atenções para a classe. Durante esse estágio, a aplicação é amoldada ao aluno e toca na "emoção" dele, de forma que ele se torne "convicto" pelo Espírito Santo de sua necessidade de obedecer. Até aqui, a lição foi bastante objetiva. Agora, ela precisa se tornar subjetiva. Os alunos precisam caminhar da compreensão do conteúdo para a aplicação. É durante esse passo que a verdade se encarna. Os fatos se revestem de carne e osso. O princípio vai tornar-se pessoal. O terceiro passo é o cerne e a essência da aplicação. [...] o aluno deve saber o que fazer e se sentir convicto o suficiente para fazê-lo (WILKINSON, 1998, p. 129).

O autor argumenta que é nesse momento da aplicação (contextualização) que a pessoa deve conseguir enxergar como viver a passagem bíblica. É nesse momento da pregação, portanto, que "[...] o ensino teórico sai e o prático ocupa o seu lugar" (WILKINSON, 1998, p. 129).

Obviamente, estamos aqui nos referindo ao "papel humano". Trata-se de uma responsabilidade técnica do pregador fazer essa ligação entre a verdade bíblica e a vida de seus ouvintes. Porém, é preciso ressaltar que essa transformação não ocorrerá apenas por esse passo estar sendo bem executado. É absolutamente necessária a ação do Espírito Santo, nesse momento especial da pregação. O autor ressalta que é nesse momento que deve "[...] haver uma parceria notável entre o professor humano e o Divino. Cada um deles tem seu papel, neste trabalho em equipe" (WILKINSON, 1998, p. 129).

> O esclarecimento ocorre quando o professor pinta o quadro, mostrando como seria de fato o princípio, aplicado à vida e às circunstâncias do aluno. A convicção ocorre à medida que o Espírito toca no coração do aluno, levando-o a sentir a necessidade de obedecer ao Senhor e a colocar o princípio em prática. Quanto mais clara for nossa exposição do princípio à imaginação do aluno, mais rápida e eficazmente o Espírito poderá penetrar no coração dele. Além do mais, quanto mais forte for a convicção, maior será o potencial para uma transformação de vida genuína e duradoura. Essas duas atividades inter-relacionadas influenciam grandemente o grau de transformação de vida que ocorre quando ensinamos. O grau de eficiência com que você desempenha seu papel de esclarecer, normalmente, ou reprime ou libera o Espírito para efetuar a obra dele nos alunos. Embora o Espírito Santo seja todo-poderoso, ele quase que invariavelmente opera em cooperação com o professor humano. É por isso que alguns professores parecem ter a unção do Espírito, e outros (mesmo com idêntico conteúdo bíblico) parecem não ter (WILKINSON, 1998, p. 129).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Voltamos aqui, fatalmente, à questão do preparo espiritual do pregador. Sua vida e sua comunhão com Deus são sua verdadeira mensagem. Mais do que isso, são as condições para que ele possa ser plenamente usado pelo Espírito para que seus ouvintes tenham vidas transformadas pela Palavra. O pregador atrapalha ou coopera com essa transformação. Embora o autor esteja focando na figura do professor bíblico, em seu texto, é bastante óbvio que o mesmo se aplica ao pregador, na pregação da Palavra.

REFLITA

O caráter de uma pessoa de Deus é manifestado em atitudes e atos santos. A não ser que palavras santas saiam de um coração santo, elas não têm poder. E a não ser que a santidade resulte em total integridade, ela é uma pseudo-santidade. Nenhuma pessoa de Deus pode descuidar-se com respeito à integridade.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 236-237).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, no decorrer desta unidade, a Homilética é a arte e a ciência da exposição bíblica, uma das mais importantes funções do ministério pastoral. Esmerar-se nesta disciplina é absolutamente fundamental para que o ministério pastoral seja cumprido com excelência. Não à toa nos adverte 1Tm 5.17 que são dignos de dupla honra os pastores que lideram adequadamente a Igreja, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino.

Isso implica que a pregação seja bem apresentada, com clareza de comunicação. Deve-se evitar a todo custo que vícios de linguagem ou de gestos possam prejudicar de alguma maneira a exposição da Palavra. Isto porque a pregação se constitui no principal método usado por Deus ao longo da História do Cristianismo para a propagação da fé em Cristo. Como diz MacArthur (1998, p. 279): "A proclamação do Evangelho é o que produz fé nos que foram escolhidos por Deus (Rm 10.14). Pela pregação da Palavra vem o conhecimento da verdade que resulta na piedade (Jo 17.17; Rm 16.25; Ef 5.26)".

O trabalho com o texto bíblico deve ser bastante criterioso a fim de se evitar interpretações errôneas. Investigar o propósito do autor bíblico, respeitar os contextos em que o texto se encontra, respeitar o gênero literário a que o texto pertence, respeitar as figuras de linguagem e identificar o padrão de significado do texto são ações muito importantes para que seja assegurada a integridade entre o que se está pregando e o que diz o texto bíblico.

A pregação deve fazer sentido à realidade das pessoas. Embora o contexto histórico e social dos textos bíblicos sejam distantes do hoje, seus princípios espirituais servem para todas as gerações. Estes não apenas devem ser apresentados, como também o pregador deve esforçar-se em esclarecer de que modo eles podem ser vividos nos dias de hoje, na realidade de seus ouvintes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A UNÇÃO DE DEUS

Nenhum cristão tem o direito de abaixar o nível médio da vida da Igreja ao viver uma vida sem unção. Nenhum líder cristão certamente ousará aviltar e depreciar a causa de Cristo ou a liderança cristã, vivendo sem unção e mostrando uma liderança sem unção.

A UNÇÃO É PARA VOCÊ

Quando o Espírito Santo faz você nascer de novo, você recebe a Sua presença permanente. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8:9). O Espírito dá testemunho da sua salvação (Rm 8:16; 1 Jo 5:6,10), mas você recebe também o ministério do Espírito de muitas outras formas. Uma delas é a unção da sua vida e do seu serviço.

O grau em que cada cristão recebe essa unção e tem consciência dela depende da proximidade do seu caminhar com o Senhor e da medida em que, pela fé, ele se apropria dela. A unção continua nEle, mas pode não estar poderosamente ativa. Como acontece em toda experiência cristã, a fé é o meio de apropriação.

Você, como líder, foi escolhido por Deus e pelo Seu povo para guiar seus companheiros crentes, Você, num sentido especial, foi separado para representar Cristo, o Ungido. Você precisa de uma unção especial e discernível para representar devidamente a Cristo e glorificá-lo. Você é uma pessoa marcada. Dentre todos, você pode honrar ou desonrar a Cristo. Dentre todas as pessoas, você deve assemelhar-se a Cristo e ter uma vida ungida.

Você deve também ser ungido em sua liderança. Desde que Cristo proveu a unção para você pela Sua graça, Ele espera que seja constantemente ungido pelo Espírito em todos os aspectos do seu papel de liderança. A sua responsabilidade como Seu líder para o Seu povo é tão grande que você não ousa trabalhar sem constante experiência e repetidas renovações da Sua unção. Você é também responsável perante o seu povo. Eles consideram você acima de tudo, o melhor como seu líder espiritual. Você deve a eles manter-se ungido para as suas responsabilidades mediante novos toques do Espírito de Deus.

A unção do Espírito, nas palavras de Bounds (2010, p. 32), "[...] é a coroação do céu conferida aos escolhidos e valentes que procuram esta honra ungida, embora através de muitas horas de oração em lágrimas e luta". Ele chama isso de "capacitação divina", pela qual o líder do povo de Cristo é equipado para a sua liderança. Sem isso, diz ele, "[...] não são alcançados quaisquer resultados espirituais".

Deus proveu capacitação divina para você. A Escritura dá exemplos repetidos de Seus líderes recebendo essa preparação especial. Esta é a era da plenitude do Espírito. Qualquer falta da atuação do Espírito na sua liderança não é devida à má vontade de Deus, afinal, Deus quer fazer de você tudo o que pode ser pela Sua graça: um líder revestido, ungido, guiado e capacitado pelo Espírito Santo. Ele quer fazer de você um líder muito mais efetivo do Seu povo do que jamais sonhou ser possível. Pelo Seu toque especial, Ele pode extrair o importante potencial que vê em você. A sua unção, em toda a sua plenitude, é para você.

Cito Bounds (2010, p. 33) outra vez:

> A unção, a unção divina, celestial, é o que o púlpito precisa e deve ter. Este óleo divino e celestial colocado nele pela imposição das mãos de Deus deve "amolecer" e "azeitar" todo o homem — coração, cabeça e espírito — até que o separe fortemente de todos os motivos e objetivos terrenos, seculares, mundanos e egoístas, reservando-o para tudo que é puro e divino.

A UNÇÃO PODE SER RECONHECIDA

Vários termos bíblicos e frases descritivas indicam a capacitação especial de Deus através do Espírito Santo. Entre eles, estão os seguintes: "O Espírito do Senhor veio sobre", "a mão do Senhor veio sobre", "o poder do Senhor veio sobre" e a "unção" do Espírito. Cada um deles acrescenta ao nosso conhecimento o importante ministério de capacitação do Espírito. Num certo sentido, talvez todos pudessem ser considerados aspectos da unção do Espírito.

Todo líder cheio do Espírito é um ungido de Deus e experimenta aspectos da unção na sua liderança, mas muitos lugares enfatizam tão pouco a unção de Deus, expressam tão pouco desejo dela em suas orações e exercitam tão pouca fé para a sua apropriação que só experimentam, ocasionalmente e em grau mínimo, a diferença dinâmica que a unção do Espírito pode fazer no ministério.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones enfatizou a necessidade da unção do Espírito. Ele a chamou de maior fundamento no que diz respeito à pregação. E insistiu: "O preparo cuidadoso e a unção do Espírito Santo jamais devem ser considerados alternativas, mas complementos um do outro. Você sempre procura e busca esta unção antes de pregar? O pregador não pode aplicar um teste mais completo e revelador do que esse".

Você está entre os que se mostraram indiferentes à unção do Espírito? Ela tem sido em geral uma experiência nominal da sua parte? Você tem de confessar que não espera nem depende de qualquer diferença significativa em seu ministério através da dotação sobrenatural de Deus? Não avalie a mão de Deus sobre você em seu futuro com base no seu passado. Deus quer dar-lhe uma nova dimensão da Sua capacitação divina, para que você tenha uma liderança cada vez mais eficaz e que dê glória a Deus. Que você possa mais do que nunca tornar-se "o ungido do Senhor"!

A unção de Deus é real e pode ser reconhecida. Em geral, a pessoa ungida pode reconhecê-la; muitas vezes, outras pessoas espiritualmente perspicazes conhecem a diferença. Certo dia perguntei ao Dr. Ezra Devol, missionário e superintendente médico de um hospital na Índia: "Ezra, existe algo como a unção do Espírito na cirurgia?". Sua resposta imediata foi: "Pode estar certo que sim, e sei quando a tenho ou não!".

Jesus tinha uma percepção suprema da unção do Espírito. Ele disse: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu” (Lc 4:18). Davi tinha conhecimento dela (2 Sm 23:2). Ezequiel deu testemunho dela repetidamente. Esdras (Ed 7:6) e Neemias (Ne 2:18) sabiam quando a mão do Senhor estava sobre eles. Paulo a experimentou (2 Co 1:21-22). Você também pode conhecê-la.

Fonte: Duewel, W. (1996, p. 207-212).

ATIVIDADES

1. Analise as alternativas abaixo:

   I. A elaboração de sermões é ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Isto porque tem um aspecto de emprego de técnicas, mas, ao mesmo tempo, trata-se do desenvolvimento de uma habilidade pessoal, particular, de se empregar tais técnicas.

   II. A função da homilética é contribuir para que os sermões sejam biblicamente corretos, enfatizem a verdade com uma aplicação pertinente e sejam apresentados de maneira clara e compreensível.

   III. A homilética nasceu na oratória dos antigos gregos e foi incorporada pela Igreja, juntamente com sua herança da exposição das Escrituras, vinda do judaísmo das sinagogas.

   IV. Pregar é proclamar a mensagem de Deus. Qualquer pessoa pode fazer isso. A pregação não depende da qualificação do pregador para sua efetividade.

   V. O pregador deve estar intimamente envolvido com as pessoas a quem prega.

Assinale a alternativa correta:

   a. Somente a I, a II e a III estão corretas.

   b. Somente a I, a II e a V estão corretas.

   c. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.

   d. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.

   e. Todas estão corretas.

2. Analise as proposições abaixo:

   I. A arte da improvisação tem seu lugar de ênfase no ministério da pregação.

   II. O pregador deve estar envolvido com o sermão, com mente e com o coração.

   III. Pregar é diferente de discursar porque o pregador deve sugerir o senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade.

   IV. O uso da voz e a postura do pregador são fundamentais para a clareza e efetividade do sermão.

   V. O pregador não diz coisas simplesmente com a atitude de "faça como quiser", ele deseja persuadir seus ouvintes sobre a veracidade de sua mensagem.

ATIVIDADES

Assinale a alternativa correta:

a. Somente a II e a III estão corretas.

b. Somente a II, a III e a V estão corretas.

c. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.

d. Somente a II, a III, a IV e a V estão corretas.

e. Todas estão corretas.

3. Analise as proposições abaixo:

I. Os princípios espirituais de um texto bíblico são para todas as gerações, mas estão encapsulados numa cultura e sociedade arcaicas.

II. As implicações de um texto bíblico estão ligadas ao padrão de significado pretendido pelo autor.

III. Compreender o propósito do autor e o contexto do texto bíblico não é fundamental para se compreender um texto bíblico. O que é fundamental é a revelação do Espírito Santo.

IV. Podemos entender de uma declaração algo completamente diferente do que ela queria dizer, se respeitarmos os limites do padrão de significado.

V. O contexto literário pode ser estudado por meio do diagrama de fluxo de ideias, e o contexto histórico pode ser estudado por meio de materiais auxiliares de pesquisa.

Assinale a alternativa correta:

a. Somente a I, a II, a III e a IV estão corretas.

b. Somente a I, a II, a III e a V estão corretas.

c. Somente a I, a II, a IV e a V estão corretas.

d. Somente a I, a II, e a V estão corretas.

e. Todas estão corretas.

ATIVIDADES

4. Marque verdadeiro ou falso:

( ) Um texto pode significar o que nunca significou.

( ) Perguntas interpretativas são perguntas que fazemos ao texto para que o próprio texto responda.

( ) O estudo da gramática de um texto bíblico é penoso e desnecessário para que ele seja adequadamente interpretado.

( ) O significado de um texto bíblico é único, mas ele tem um padrão de significado que resulta em implicações que estão além do que está escrito.

( ) Implicações são aqueles significados dos quais o autor não estava ciente, mas que, apesar de tudo, enquadram-se legitimamente no padrão de significado por ele pretendido.

a. V,V,V,F,F.

b. F,V,V,V,F.

c. F,V,F,V,V.

d. F,V,V,F,V.

e. F,V,F,V,F.

5. Assinale verdadeiro ou falso:

( ) O pregador não precisa ter, necessariamente, uma experiência espiritual real e viva com Cristo.

( ) A vida do pregador é provavelmente o aspecto mais importante do preparo do sermão.

( ) Os pregadores não precisam buscar qualificação humana para a pregação, devem depender da capacidade de Deus e de sua capacitação, unicamente.

( ) Nossos esforços de crescimento na arte da homilética não são capazes de suplantar o poder da capacitação espiritual de Deus para uma vida consagrada.

( ) A contextualização é fazer as aplicações práticas, para a vida, que estejam ligadas ao princípio espiritual que está sendo pregado. Trata-se de uma das tarefas mais importantes da pregação.

a. V, V, F, F, V.

b. F, F, V, V, V.

c. V, V, F, V, V.

d. F, V, F, V, V.

e. F, V, V, V, V.

MATERIAL COMPLEMENTAR

LIVRO

Entendes o que lês

Gordon Fee e Douglas Stuart

Editora: Vida Nova

Sinopse: "Entendes o que lês?" Essa pergunta foi feita por Filipe, há muito anos, a um eunuco, alto oficial da rainha da Etiópia, que estava lendo o livro de Isaías sem nada compreender. Lucas narra em Atos a resposta desafiante do eunuco: "Como posso entender se não há ninguém para me explicar?".

O tempo passou, mas o desafio continua, pois hoje não são poucos que, a exemplo do eunuco, admitem não conseguir entender a Bíblia. Foi pensando nessas pessoas que Gordon Fee e Douglas Stuart escreveram este livro.

Nesta nova edição, o leitor desfrutará de um livro totalmente atualizado. Inclusive com o acréscimo de um capítulo que trata sobre a questão da tradução da Bíblia e o uso das diversas versões para a tarefa da interpretação bíblica.

MATERIAL COMPLEMENTAR

LIVRO

A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica

Grant R. Osborne

Editora: Vida Nova

Sinopse: Há um significado original nos textos bíblicos? Como esse significado pode ser traduzido para os dias de hoje? De que forma isso influencia a pregação?

Foi pensando em tudo isso que Grant R. Osborne escreveu a sua obra magistral, A Espiral Hermenêutica. Ao perceber as muitas dificuldades que pastores, pregadores e estudiosos da Bíblia enfrentam ao interpretar o texto bíblico, Osborne resolveu propor uma nova abordagem à hermenêutica bíblica. Para o autor, a principal premissa deste livro é a de que a interpretação bíblica gera uma "espiral" que vai do texto ao contexto, do significado original à contextualização ou significação para a Igreja de hoje. Segundo ele, a espiral é a metáfora mais adequada, pois não é um círculo fechado, mas um movimento irrestrito que vai do horizonte do texto ao horizonte do leitor.

Além de dialogar com as mais recentes teorias da linguagem, bem como propor um novo método de interpretação bíblica, o autor também aprofunda questões de extrema relevância para a hermenêutica, tais como: contexto histórico, padrões de retórica, análise gramatical, semântica e exegética, gêneros literários, citações do AT no NT, relações entre a hermenêutica e as teologias bíblica, histórica, sistemática e homilética, e muito mais.

Outro aspecto importante é que "A Espiral Hermenêutica" é uma obra comprometida com a pregação da Palavra. Osborne dedica dois capítulos do livro a mostrar, passo a passo, como preparar um sermão que, começando com a exegese, leva em conta todas as etapas da hermenêutica.

Enfim, aqueles que estavam em busca de um livro especializado em hermenêutica bíblica agora têm em mãos uma das mais bem conceituadas obras de referência no assunto.

MATERIAL COMPLEMENTAR

LIVRO

Há um significado neste texto?
Kevin Vanhoozer

Editora: Vida
Sinopse: Há um significado na Bíblia? Será que esse significado envolve o leitor ou a maneira de ler? A doutrina cristã tem alguma contribuição a dar aos debates acerca da interpretação, da teoria literária e da pós-modernidade? Essas perguntas são fundamentais para os estudos bíblicos contemporâneos e para a Teologia.
Em resposta a elas, Kevin Vanhoozer argumenta que a crise pós-moderna na hermenêutica – "a incredulidade para com o sentido", um ceticismo arraigado que se relaciona à possibilidade de uma interpretação correta – é basicamente uma crise na Teologia. Segundo o escritor, ela é provocada por uma perspectiva inadequada a respeito do Criador e pela chamada "morte" de Deus.
A Parte 1 desta obra examina os modos pelos quais a desconstrução e a crítica radical da resposta do leitor "desfazem" os conceitos tradicionais de autor, texto e leitura. Na Parte 2, Vanhoozer defende o conceito do autor e a possibilidade do conhecimento literário, valendo-se dos recursos da doutrina cristã e abordando o significado em termos de ação comunicativa. Uma contribuição importantíssima para a correta compreensão dos textos sagrados!

MATERIAL COMPLEMENTAR

LIVRO

A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica
Haddon Robbinson e Craig B. Larson (orgs.)

Editora: Shedd Publicações
Sinopse: Há um significado na Bíblia? Você tem em mãos uma arca do tesouro de insights para o pregador da atualidade. A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica é abrangente em escopo, cobrindo todos os aspectos da homilética de seus inúmeros ângulos, e proporciona não somente uma fonte de informações, mas também um fórum para diferentes perspectivas. Este livro está repleto de sabedoria prática dos mais renomados pregadores da igreja evangélica contemporânea. Organizado por Haddon Robinson e Brian Larson, este compêndio das melhores entre as melhores seleções do site PreachingToday.com é ampliado com novos artigos escritos especificamente para este livro. De leitura agradável e fácil, breves e atraentes.

REFERÊNCIAS

BOUNDS, E. M. **Poder pela Oração**. São Paulo: Editora Vida, 2010.

BROADUS, J. A. **Sobre a preparação e a entrega de sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.

DUEWEL, W. **Em Chamas para Deus**. São Paulo: Editora Candeia, 1996, p. 236-237.

_____**. Em Chamas para Deus**. São Paulo: Candeia, 1996, p. 207-212.

FEE, G.; STUART, D. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 1984.

HORTON, S. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 82- 83.

_____**. Manual de Exegese Bíblica**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.

LLOYD-JONES, M. **Pregação e Pregadore**s. São José dos Campos: Editora Fiel, 1984.

LOPES, H. D. **Pregação Expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008.

OSBORNE, G. A **Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

STEIN, R. H. **Guia Básico para a Interpretação da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

WILKINSON, B. **As 7 Leis do Aprendizado**. Venda Nova-MG: Editora Betânia, 1998.

WIERSBE, W. W.; SUGDEN, H. F. **Respostas às perguntas que os pastores sempre fazem**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

GABARITO

1. D
2. D
3. D
4. C
5. D